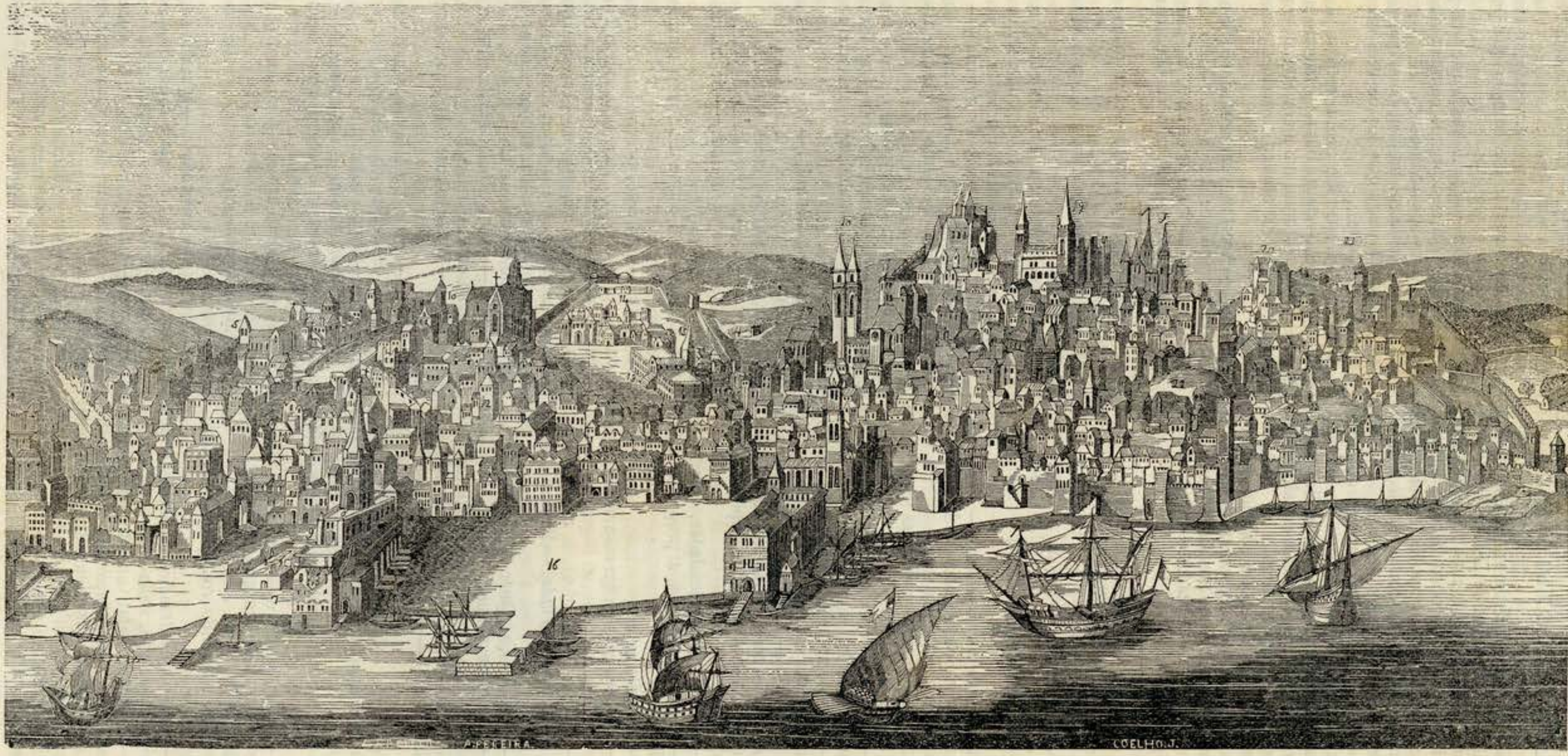
LISBOA NO SECULO XVI



1 — Mosteiro e palacio da Esperança?
2 — Convento dos Paulistas?
3 — Alto de Santa Catharina.
4 — Egreja do Loreto.
5 — Ermida dos Fieis de Deus.
6 — Convento de S. Francisco?
7 — Casa da India.
8 — Arsenal e paço da Ribeira.
9 — Corpo Santo.
10 — Egreja dos Martyres.
11 — Convento do Carmo.
12 — S. Julião.
13 — Hospital de Todos os Santos.
14 — Mosteiro de Sant'Anna.
15 — Convento de S. Domingos.
16 — Terreiro do Paço.
17 — Santo Antonio.
18 — Sé.
19 — Paços do Castello.
20 — Convento da Graça.
21 — S. Vicente de Fóra.
22 — Senado?
23 — S. João da Praça.
24 — S. Pedro d'Alfama.

LISBOA NO SECULO XVI

A estampa que hoje publicâmos, foi copiada, ou antes, reduzida de uma vista de Lisboa, a que o estampador poz a data de 1645, mas vê-se que é anterior a 1584, porque o paço da Ribeira não tem ainda o torreão nem o forte que lhe mandou fazer Filippe II quando esteve em Portugal, além de outras alterações menos visiveis.

Julgâmos que esta vista é pelo menos do tempo del-rei D. Sebastião.

Nos artigos que já começámos a publicar sobre os palacios reaes, teremos occasião de alludir aos que n'esta estampa se representam.

Os numeros 1 e 2 que designam edificios que suppomos terem sido cortados na estampa original, todavia os pozemos, assim como tambem conservámos alguns que julgâmos mal indicados.

FLORES SEM FRUCTO

(SCENA 6.ª DO I ACTO)

D. LUIZA E O COMMENDADOR

D. LUIZA *(entrando da esquerda)* — Muito bem vindo, commendador. Soube agora por Maria que estava aqui e que desejava fallar-me.

O COMMENDADOR — Desejo que tenho sempre... e agora muito mais.

D. LUIZA — Oh!... É caso grave então. A que respeito me quer fallar?

O COMM. — A respeito de minha sobrinha muito... a meu respeito alguma coisa.

D. LUIZA *(sorrindo)* — Não me podia chamar a attenção para pessoas mais da minha estima.

O COMM. *(á parte)*—Salva a terceira pessoa... que não figura aqui.

D. LUIZA —Visto isso, commendador, vem..?

O COMM. —Venho consultal-a a proposito do casamento da Piedade.

D. LUIZA — É muito cedo.

O COMM. — E a proposito de um casamento... para mim.

D. LUIZA — É muito tar...

O COMM. *(á parte contrariado)* — Principia mal o negocio.

D. LUIZA — Que me diz! Quer casar tambem!

O COMM. — É verdade, minha prima... Mas cada coisa por sua vez. Maria primeiro. Não acha ser tempo já de lhe annunciar que é destinada a Jayme?

D LUIZA *(vivamente)* — Não acho, não; pelo contrario.

O COMM. *(á parte)* — Mau! *(alto)* A Piedade está-se fazendo uma rapariga nada feia, e Jayme tambem é um moço...

D. LUIZA *(involuntariamente)* — Perfeito... *(Detem-se como arrependida do que disse)*

O COMM. — Perfeito, não é verdade? É o que eu digo. N'esse ponto sabia eu que havia de ser da minha opinião.

D. LUIZA *(como querendo corrigir-se)* — Direi... chamando-lhe perfeito...

O COMM. — Então que tem? chamando-lhe perfeito... chama-lhe perfeito, nada mais.

D. LUIZA — Perfeito... relativamente. Quem é perfeito n'este mundo? *(com franqueza)* — Mas em fim para que hei de eu dissimular? Confessar-lhe-hei pois, commendador... sempre lh'o havia de dizer... confessar-lhe-hei... tenho até que lhe pedir um conselho a este respeito.

O COMM. *(á parte)* — É o dia dos conselhos, hoje. *(alto)* — Vamos a ver, prima.

D. LUIZA — De certo o commendador não me julga capaz de transviar um coração que pertença a outrem.

O COMM. — Não julgo... posto que, em geral, as senhoras cultivam essa prenda com singular satisfação e não pouco aproveitamento.

D. LUIZA—Confessar-lhe-hei, pois, que achei livre o coração de Jayme; que Jayme vem offerecer-me o seu amor, e que...

O COMM. — E que lhe pediu retribuição. Trocaram os corações, vamos. Dos dois fizeram um, como todos dizem... juraram um amor eterno, como todos crêem... e querem acabar casando-se, como todos fazem.

D. LUIZA — Acertou, commendador. E é a respeito d'este casamento que desejo pedir-lhe o conselho.

O COMM. *(á parte)* —Vem bem, não tem duvida.

D. LUIZA — Como sabe, não fui feliz com o meu primeiro marido.

O COMM. *(com intenção)* — Era moço de mais, não?

D. LUIZA —Moço de mais, não digo... Bem vê, um marido velho.

O COMM. — Sendo um Mathusalem de certo. Mas um marido experimentado e prudente, um homem assim dos seus quarenta a cincoenta...

D. LUIZA *(interrompendo-o e sorrindo)* — O periodo é muito longo, e por consequencia muito equivoco. Não é isso. Fui infeliz, porque Rodrigo de Mendonça...

O COMM. — Era pouco atilado, não é verdade?

D. LUIZA — Tambem não. O que fez a minha desgraça foi a sua indifferença, passados apenas tres mezes de união.

O COMM. *(galanteando)* —Vejam, tres mezes!... quando não bastaria a eternidade para exhaurir um amor inspirado por esses olhos!...

D LUIZA — E o que me diz D. Jayme.

O COMM. *(á parte, agitado)* — Se nós dizemos todos a mesma coisa!

D. LUIZA — E é o que dizia meu marido... antes de casar.

O COMM. — Ahi verá, prima. Isto de rapazes promettem, promettem... mas não sabem cumprir. O verdadeiro é um homem de quarenta a cincoen...

D. LUIZA *(interrompendo-o)*—Acreditei quanto elle me dizia... se eu era tão nova, e sabia tão pouco!... e tive a loucura de condescender sem experimentar primeiro a sua constancia.

O COMM. — Não fez bem. Facilmente se aborrece o que facilmente se alcança.

D. LUIZA — E justamente isso o que eu receio com D. Jayme.

O COMM. — E por isso o faz esperar? Entendo. Ha que tempos está elle esperando?

D. LUIZA — Ha dois annos.

O COMM. *(vivamente)* — Tão pouco.

D LUIZA — O peior é que não me deixa... e ás vezes chega a assustar-me. Não faz senão dizer-me que vae para fóra do reino, e chega a affirmar que se mata, se eu me não resolvo.

O COMM. *(friamente)* — Ora, quem é que se mata por essas coisas!

D. LUIZA *(com vivacidade)* — Quando se gosta devéras, por que não? Jayme é capaz de o fazer.

O COMM. *(friamente)* — Isso diz elle.

D. LUIZA — Afianço-lhe que o diz sinceramente.

O COMM. — Pois sim, dirá; mas é um engano em que vive.

D. LUIZA — Que teima, commendador!... Se eu lhe digo que é capaz de se matar.

O COMM.—E eu digo-lhe que a prima está illudida.

D. Luiza *(exaltada)* — É.

O Comm. *(pachorrento)* — Não é tal!

D. Luiza *(agastada, passando á direita do commendador)* — O commendador não póde ter voto n'estas coisas, porque nunca amou.

O Comm. *(fleugmaticamente)* — Ninguem ainda amou tanto como eu.

D. Luiza — Na quantidade. Não ha nada mais odioso. Deus me livre! Galantear umas poucas de senhoras ao mesmo tempo! Por isso não tem casado.

O Comm. — É verdade: não casei... ainda.

D. Luiza — Quem o havia de querer tambem? Uma grimpa.

O Comm. *(declamando)*.

As grimpas giram, mas no giro as movem
Euros agrestes, ou Favonios brandos.

D. Luiza — Em prosa, commendador.

O Comm. — Em prosa: estou outro, minha prima. Emendei-me.

D. Luiza — Era tempo. *(graciosamente)* Mas vamos a ver... Exaltei-me, desculpe... Vamos a ver, tornemos ao nosso caso: — acha que dois annos de espera não são ainda bastantes?

O Comm. — Eu no seu logar fazi-o esperar outros dois.

D. Luiza — Quatro annos! Não, isso tambem é de mais.

O Comm. — É de mais!... Como? Repare nas damas d'outro tempo. Antes de acceitarem a homenagem dos cavalleiros que as requestavam, faziam-n'os passar por longas e duras provas: mandavam-n'os espatifar gigantes ferozes que devastavam algum sitio da visinhança; incumbiam-n'os de libertar donzellas captivas, que gemiam em poder de tutores barbaros; enviavam-n'os finalmente a combater os *infieis*. Depois, ao cabo de cinco, dez, quinze, vinte annos até, quando elles voltavam, nobremente estafados, derreados, tolhidos e avariados... casavam com elles... *(á parte)* de sorte que a habitação conjugal era exactamente um hospital de invalidos.

D. Luiza — Sim... mas hoje não ha gigantes.

O Comm. — É verdade: a especie humana vae infezando de dia para dia.

D. Luiza — Já não ha donzellas escravas.

O Comm. — Tambem é verdade: começam presentemente a ser muito livres. O que ha ainda, minha prima, o que de certo ainda se vê são... *infieis!* Eu no seu caso dizia a Jayme que fosse passar dois annos á Palestina.

D. Luiza — Está zombando, commendador!...

O Comm. — Nem por sombras. Assevero-lhe que se fosse commigo... punha-o a andar.

D. Luiza *(sem perceber)* — Diz?

O Comm. *(corrigindo-se)* — Digo-lhe que o mandava viajar... e se no fim do praso ajustado me regressasse do mesmo modo, com o mesmo amor, e com as mesmas intenções... veria então se me devia resolver.

D. Luiza *(scismando)* — Parece-lhe isso?... Em fim, pensarei... hei de reflectir... *(sorrindo)* Estamos ha uma hora a fallar dos meus projectos de casamento, e eu, sem me lembrar que está com idéas similhantes. *(Vae sentar-se junto á mesa)*

O Comm. — A mim não me falta nada... senão o consentimento da noiva.

D. Luiza — Porque? Ella tambem o faz esperar.?

O Comm. — Nada. Espero voluntariamente. Ainda lhe não fallei n'isso.

D. Luiza — Eu conheço-a?

O Comm. — Perfeitamente.

D. Luiza — Então, se me quer fazer sua confidente... fallarei pelo primo. Ella sabe alguma coisa do seu passado?

O Comm. — Sabe um pouco.

D. Luiza — Mau é: ha de prejudical-o.

O Comm. — Pelo contrario.

D. Luiza — Pelo contrario! Como assim?

O Comm. — De certo. Os homens, ou seja ao tarde ou seja ao cedo, passam mais ou menos as suas verduras... é inevitavel, nasceu com o mundo. D'este modo, quando um moço tem a desgraça de começar pela cordura, acaba por força no desvario, se em vez d'isso principia pela extravagancia, termina...

D. Luiza — Tem alguma verdade o que diz.

O Comm. — Não ha nada mais verdadeiro: é o evangelho da vida. Veja o seu primeiro marido. Começou pela fidelidade e acabou na inconstancia. Offereceu-lhe um coração novato... como o de Jayme... e tres mezes depois!... Ai! prima, principiar assim é principiar mal.

D. Luiza — N'esse caso devo dizer á pessoa de que se trata... logo que m'a tiver feito conhecer... que póde contar com uma constancia...

O Comm. — De coração extremoso.

D. Luiza — Com uma lealdade?...

O Comm. — De homem de bem.

D. Luiza — Com uma assiduidade?...

O Comm. *(sorrindo)* — De animal domestico.

D. Luiza — Bem.

O Comm. — Póde acrescentar... se quizer... não faz mal... que estou em circunstancias de estabelecer soffrivelmente um herdeiro... ou herdeiros...

D. Luiza *(sorrindo)* — Se os houver.

O Comm. — Porque não ha de haver? Espero que haverá, prima.

D. Luiza — Que edade tem, commendador?

O Comm. — A edade que me der.

D. Luiza — Quaren...

O Comm. *(vivamente)* — Isso.

D. Luiza — Então diga-me quem é.

O Comm. — Acceite o meu braço, prima.

D. Luiza *(levantando-se e tomando-lhe o braço)* — Quer-me apresentar á sua conquista?

O Comm. — A minha conquistadora.

D. Luiza — Alguma vez havia de ser.

O Comm. *(encaminhando-se lentamente com ella para o tremó)* — Quero apresental-a, quero. De certo dirá, como eu, que é a mais discreta e a mais formosa dama de Lisboa.

D. Luiza *(sorrindo)* — A affirmativa não é das mais lisonjeiras para mim.

O Comm. — Pois não me desdigo.

D. Luiza — É perto d'aqui?

O Comm. — Pertissimo.

D. Luiza — Visinha?

O Comm. — Paredes meias.

D. Luiza — E eu sem dar por tal!

O Comm. — É porque não reparou bem.

D. Luiza — Mas em fim vou conhecel-a, não?

O Comm. — Immediatamente *(conduzindo-a)*.

D. Luiza — Que é isto, commendador? Aonde me leva?

O Comm. — Aonde possa achal-a.

D. Luiza — Teremos que passar por cima do *tremó*.

O Comm. — Vamos sempre andando.

D. Luiza *(diante do tremó)* — D'aqui não podemos passar: encontrâmos um limite.

O Comm. *(designando o espelho)* — O unico limite em que pára a formosura....porque não póde ir mais longe.

D. Luiza *(attonita)* — Como!

O Comm. *(continuando a designar o espelho)* — Queira olhar.

D. Luiza — Pois que!...

O Comm. *(com uma cortezia)* — Sabe tudo agora.

D. Luiza — Esteve-se divertindo, primo?
O Comm. — Nunca fallei tão serio, minha senhora.
D. Luiza — Devéras!... O commendador...
O Comm. — Amo-a.
D. Luiza *(maliciosa)* — E...?
O Comm. — Offereço-lhe a minha mão.
D. Luiza *(depois de reflectir instantes, sorrindo)* — Acceito.
O Comm. *(alvoroçado)* — Acceita? *(á parte)* Estou salvo.
D. Luiza — Com uma condição.
O Comm. *(sobresaltado)* — Que condição?
D. Luiza *(sorrindo)* — É que, antes do nosso casamento, ha de ir passar dois annos na Palestina.
O Comm. *(passado)* — Na Palestina!
D. Luiza — É conselho seu: á volta fallaremos.

MENDES LEAL JUNIOR.

O ANJO DA CARIDADE [1]

(LEITURA PARA AS ESCHOLAS DE MENINAS)

I

Que sublime não é a missão do anjo da Fé! Elle falla á nossa alma, recorda-nos o poder d'Aquelle que tudo creou, e que não abandona a sua creação; e n'essas horas em que a duvida nos assalta, e nos torna audazes a ponto de interrogar o proprio Deus, ou murmurar dos seus impenetraveis decretos, diz-nos que devemos crer n'elles, mesmo sem os comprehender, como o filho crê na mãe pela fé do seu amor; é elle quem combate em nossa defesa contra o anjo da malicia e do erro que nos inclina a essa duvida fatal.

A missão do anjo da Esperança é tambem sublime! Enxuga as lagrimas dos que choram, ampara os que desfallecem, e levanta os que succumbem desanimados pela aridez ou pela extensão do caminho.

O anjo da Esperança consola a todos com uma unica palavra: o ceo, com as suas alegrias para os padecimentos soffridos n'este mundo com resignação.

Mas a missão do anjo da Caridade é mais bella ainda! Deposita nas almas uma gota preciosa extrahida d'esse infinito Oceano do amor divino; dispõe em todos os corações uma fibra que estremece á vista de alheias dores, e vigia attento essa gota e essa fibra, para que o homem não deixe evaporar aquella nem endurecer esta.

O anjo da Caridade não considera nunca um beneficio pelo applauso que o mundo lhe concede, nem pela medida dos males que remedeia, mas sim pelo secreto movimento de que elle só conhece o mysterioso impulso; julga pela intenção; e em virtude da divina palavra que prometteu recompensa a um copo de agua ministrado pela caridade, faz a conta exacta de todas as acções louvaveis praticadas sob os olhos de Deus. Dois livros estão á sua direita, sempre abertos durante a claridade dos dias e a escuridão das noites. Um, em cujas paginas innumeraveis se inscrevem todas as esmolas dadas sobre a terra; outro que regista tudo quanto exhala a verdadeira caridade. Porque a esmola e a caridade não são a mesma coisa. Assim como dois arroios da mesma nascente, um é ás vezes turvo e agitado, emquanto o outro corre sempre limpido e sereno; tambem se fazem muitas esmolas sem que venha doiral-as o reflexo divino da caridade; e ha impulsos de verdadeira caridade privada dos meios de dar esmola.

[1] Traducção de um original anonymo.

II

SEIS ANDARES

Era dia de anno bom. Em quanto Paris inteira se agitava, e a sua povoação immensa se achava dividida em dois campos distinctos, o que dá e o que recebe n'esse dia, o anjo da Caridade tinha baixado os olhos, radiantes de fogo celeste, sobre um dos innumeraveis predios d'essa grande cidade, e o contemplava fixamente.

Este predio compunha-se de seis andares.

O primeiro, mobilado com sumptuoso luxo, era habitado por uma joven recemcasada, feliz, ao menos na apparencia, que não faltava aos deveres religiosos, frequentando todavia as sociedades, de que não desgostava.

O segundo echoava continuamente risadas estrondosas, vozes juvenis, sons de musica, e conversações frivolas. Duas meninas alli moravam com sua mãe, viuva desde muito tempo, possuidora de uma fortuna mediocre, mas que nada recusava a suas filhas.

O terceiro era a morada de um homem de idade madura, empregado n'uma secretaria d'estado, que juntava ao ordenado do seu emprego alguns bens proprios que o tornavam rico, porque não tinha familia.

No quarto andar, onde o aceio substituia o luxo, uma joven costureira de roupa branca trabalhava para sustentar sua decrepita avó, unica companhia que Deus lhe deixára n'este mundo.

No quinto, viviam duas familias, dois jovens consortes com um filhinho; e um pae com uma menina de nove annos, que, orphã de mãe, não chegára a pronunciar tão doce nome.

Finalmente o sexto andar era o retiro de um bom velho, que n'outro tempo fôra porteiro do predio, de quem os moradores nunca haviam tido motivos de queixa; e a quem o senhorio tinha dado aquelle quarto, prestando elle ainda aos inquilinos o serviço que a sua edade lhe permittia. As gratificações que recebia, com uns duzentos francos de rendimento que elle tinha, eram sufficientes para supprir as moderadas necessidades de Jeronymo.

Taes eram os moradores do predio sobre que o anjo da Caridade tinha os olhos fitos, observando as scenas que iam alli passar-se n'este dia, tendo entre os dedos divinos a penna de oiro que á noite havia de escrevel-as imparcialmente nos livros confiados á sua guarda.

III

PRIMEIRO ANDAR

PEDITORIO NA EGREJA DE S. GERMANO

Sendo habitualmente inerte em vencer a preguiça, que de manhã a retinha sob as duplas cortinas de damasco e musselina, madama de Vincy levantou-se n'este dia muito cedo. O seu primeiro cuidado foi ir á janella consultar o tempo; a escuridade, apenas dissipada pelo primeiro alvor do dia, lhe deixou distinguir que o ceo estava limpo de nuvens, e a rua perfeitamente sêcca. «Tanto melhor, disse ella, o tempo está bom para me vestir como tencionava.»

Chamou a criada de quarto. Victoria, rapariga alegre e risonha, que acordára como sua ama a esta hora matutina, veiu logo, mas com um ar serio, que contrastava com a sua natural vivacidade, e deu a madame de Vincy os bons annos, fazendo-lhe protestos de fidelidade e dedicação. Uma touca elegantemente guarnecida de fina renda foi a resposta e o brinde da ama, que não pôde deixar de sorrir-se

á vista do contentamento da rapariga, e dos transportes do seu reconhecimento. «Penteia-me agora, Victoria, disse madama de Vincy. Meu marido já saíu, e quando voltar almoçaremos: fico assim mais adiantada para me vestir quando for á missa.

— Eu bem sei o que o senhor foi fazer hoje tão cedo, disse emphaticamente Victoria, entrançando com destreza as longas madeixas que molduravam o meigo rosto de sua joven ama.

— Eu não sei; mas supponho-o.

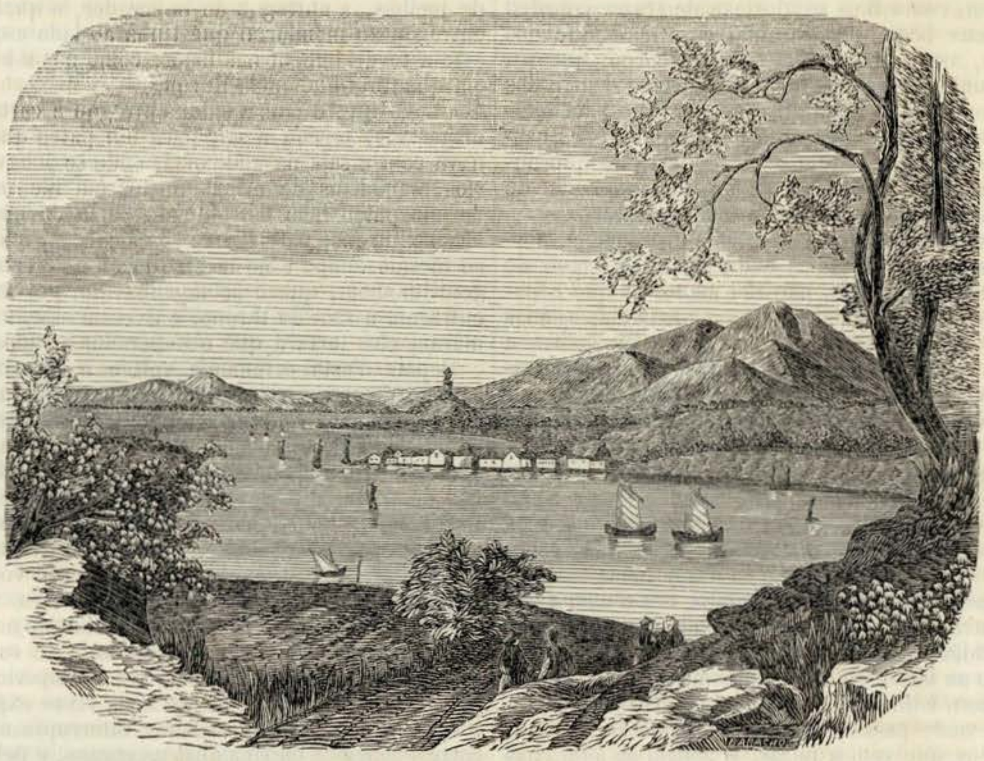
— Não queria ser indiscreta—continuou Victoria, a quem o bom humor de sua ama tornára mais falladora. Isso não, já que o senhor teve bastante confiança em mim para me confiar o segredo, não o direi; mas julgo que a minha senhora ficará tão contente com o presente que elle lhe trouxer, como eu o estou com o que devo á sua generosidade e...

— Basta, Victoria, admiro a tua discrição, mas não quero experimental-a.

— Oh! a senhora póde estar certa de que eu sei guardar um segredo. Lembra-se d'aquelle ourives do Palais-Royal, onde nós vimos... mas não digo nada... eu reparei que o senhor ficou assim a pensar quando a senhora lhe gabou... Em fim, o penteado está prompto, e fica-lhe muito bem assim.

— Logo te chamarei: continúa a guardar assim os segredos...

(Continúa) D. MARIA RITA CHIAPPE CADET.



Hoang-ho ou rio Amarello da China.

Na relação da embaixada portugueza a Pekin, que estamos publicando, falla-se [1] da singularidade d'este rio, cujas aguas são amarellas e turvas habitualmente, porém de seculos a seculos fazem-se claras e cristallinas, durante algumas horas, phenomeno que os chins tem por mysterioso, e o tomam como annuncio feliz, pelo que é successo que váe aos annaes do imperio; e n'esse anno ha promoção geral entre os mandarins, passando á primeira ordem os da segunda, e assim por diante.

N'uma recente viagem áquelle imperio, achámos a estampa do... mysterioso rio Amarello, que mandámos gravar para este numero.

É bem sabido que a riqueza e fertilidade da China provém dos innumeraveis e caudalosos rios que a cruzam em todas as direcções.

Os dois mais consideraveis são, este chamado em lingua chineza Hoang-ho, que quer dizer rio Amarello; e o Yang-Tes-Kiang, que significa rio Azul, ambos nascidos em paizes quasi desconhecidos; o primeiro entre o Thibet e o deserto de Cobi; o segundo no Mogol, que não tem menos de 800 legoas de curso, e muitos dos seus confluentes egualam os maiores rios da Europa.

[1] A pag. 235 do numero antecedente.

Ha outros dois notaveis, um ao norte, o Peï-ho, que se lança no golpho de Pe-Tcheli; outro ao sul, o Si-Kiang, que desagua no golpho de Cantão, ao qual os europeus chamam *ribeira de Cantão*, ou *Tigre chinez*.

Os geographos sinicos contam não menos de 1:472 rios ou ribeiras navegaveis; e todos estes *caminhos correntes* estão ligados entre si por uma rede de canaes, quasi todos tão profundos que por elles navegam grandes embarcações, todo o anno; de sorte que não ha paiz nenhum que tenha similhante systema de navegação interna.

Para se fazer idéa da grandeza d'estas obras hydraulicas, bastará dizermos, que só o «canal imperial» tem 600 legoas de extensão, communicando a corte de Pekin com a cidade de Cantão, primeiro porto de mar da China.

O nosso Lucena, notando esta espantosa multiplicidade de rios, diz com o seu esmerado classicismo:

«Não se contentam os chinas de edificar e morar sómente na terra; egualmente o fazem na agua, obrigando-a a lhes pagar, com esta usura, o muito que pela grande multidão dos rios lhes occupa. E assim os trazem a todos coalhados de embarcações

feitas e dedicadas egualmente ao serviço e trato de passageiros e mercadores, e á propria habitação e vivenda de seus donos, os quaes, não tendo outra fazenda nem herança na terra, n'estas embarcações trazem mulher, filhos, alfayas, com todo o seu haver, ordenando-as por tal modo, que no meio fica uma casa de madeira mui bem coberta, repartida em seus aposentos, uns em que passam os estrangeiros, outros em que vive á parte a familia, sem lhe faltar commodidade alguma, porque alli tem onde criem as gallinhas, tragam as adens, cevem os porcos, e ainda suas como hortas e jardins de recreação, que são uns alegretes grandes da banda de fóra da pôpa, plantados de romeiras, macieiras, e larangeiras anãs, e cheios de toda a variedade de flores, boninas, hervas salutiferas e verdura.

Em fim, como Bias se gloriava de trazer comsigo todos seus bens, não fazendo caso mais que dos da alma, assim trazem estes os do corpo, que sómente conhecem, todos nos seus barcos; dentro dos quaes (como os herdam dos paes os filhos) ha muitos homens e mulheres, que por serem n'elles nascidos e criados, e saírem menos á terra do que outros entram na agua, com razão se póde duvidar de qual dos dois elementos sejam mais naturaes.

O numero d'estas embarcações é inestimavel, porque, com serem tantas as que servem de passar de umas partes ás outras, não são menos as que a paradas estão quêdas pelos rios, á moda das vendas das estradas por terra, nas quaes os passageiros e navegantes tem tudo prestes, sem lhes ser necessario ir carregados de matalotagem. E da mesma maneira é infinita a multidão das que estão ancoradas, não só junto ás cidades e villas, mas a qualquer logar ou ponte.

E d'aqui se entende aquelle enigma de um nosso portuguez, que entre outras coisas maravilhosas da China, affirmava víra n'ella cidades situadas sobre a agua, que se abalavam e moviam todas as luas. E é o caso, que se fazem cada mez, ora n'uma parte ora n'outra, umas feiras geraes, onde concorre grande multidão de toda a sorte de embarcações, que surgindo ao largo, se ordenam como as casas de uma cidade bem edificada, deixando ruas, travessas, praças por onde passem, e onde se ajuntem, em seus barcos, os que vem a feirar. E acham-se aqui, não sómente toda a provisão de mercadorias, joias, brincos, curiosidades, mas os mesmos officiaes arruados que alli estão trabalhando em suas tendas, como nas cidades da terra melhor governadas e mais ricas. E porque estas feiras não duram ordinariamente n'uma parte mais de quinze dias, e no cabo d'elles se vão fazer a outras, por isso as chamava bem o auctor do enigma «cidades movediças».

EMBAIXADA DE PORTUGAL Á CHINA EM 1725

(Vid. pag. 234)

N'este dia saiu o embaixador para a primeira audiencia pelas oito horas da manhã.

«Em primeiro logar ia o seu estribeiro montado a cavallo, com um timor diante: seguiam-se os seis gentis-homens em duas fileiras, e diante de cada um um timor: seguia-se o secretario da embaixada e depois d'elle ia o embaixador, ambos a cavallo; ao lado do embaixador iam os seus criados de pé; atraz d'elles iam os quatro trombeteiros; mas não iam nem os timbales, nem os clarins, por não fazerem estrondo nos ouvidos da magestade imperial.»

Assim foram até á porta do primeiro pateo do palacio. Apearam-se e continuaram na mesma ordem, excepto o secretario que tomou a dianteira, por levar a carta del-rei pendente ao pescoço. Chegando ao quarto pateo descançaram, e receberam algumas iguarias que o imperador lhes mandou; sendo interrogado o embaixador por um generalissimo das armas tartaras ácerca da missão. Depois das perguntas, agradeceu o embaixador aos mandarins que o acompanhavam, e encaminhou-se, atravessando outros pateos, para uma sala, á espera da hora da audiencia, onde todos ficaram, menos o secretario, e um gentil-homem do embaixador, que o acompanharam.

«O secretario, que até aqui levava a carta de sua magestade pendente em um embrulho de tafetá amarello, a levou d'esta sala para diante nas mãos, levantada a par do rosto como quem a offerecia, e passando um pateo, em que assim a levou, a deu ao embaixador, que a levou na mesma fórma por todo o outro pateo até chegar ao throno, onde, posto de joelhos, a entregou ao imperador, o qual logo a entregou ao mandarim que tinha ao lado esquerdo; este a teve tambem nas mãos, como nós a levámos, em quanto a audiencia durou.

«Logo que o embaixador entregou a carta a sua magestade, tornou a sair para um pateo que confinava com a sala da audiencia, onde se achavam varios mandarins de armas postos em fileiras, e no mesmo pateo bem defronte da porta do meio e do mesmo throno, bateu nove vezes cabeça, imitando-o ao mesmo tempo e no mesmo logar o secretario e o gentil-homem, que o acompanhavam, pois com elle entraram a sala do throno, e tiveram assentos, e tomaram chá tartaro que o imperador a todos deu.»

Depois d'esta ceremonia voltou o embaixador á sala do throno com o padre Domingos Perêni, como interprete, dois referendarios, e o presidente do tribunal dos ritos. Depois de se ter sentado por mandado do imperador, poz-se de joelhos, conforme o uso da corte, e disse: «Sou mandado por el-rei de Portugal D. João V para dar a vossa magestade os parabens da sua ascensão ao throno. El-rei meu amo faz tão grande estimação da amizade de vossa magestade, que se não satisfez com menos que mandar um embaixador, que dos ultimos confins do occidente viesse reverenciar a vossa magestade, e congratulal-o por se achar digno successor do imperio de seu pae, significando-lhe com as mais vivas expressões o muito que deseja se conserve interrupta uma boa correspondencia entre ambas as coroas; e pela grande propensão que o imperador pae de vossa magestade mostrou para favorecer os vassallos delrei meu amo, assim moradores em Macau, como assistentes n'este imperio, e acto de attenção que o dito imperador fez em mandar a meu monarcha um grandioso mimo, em grande reconhecimento foi sua magestade servido ordenar-me que da sua parte viesse segurar a vossa magestade o muito que sentiu a morte do imperador, e que só podia suavisar o seu sentimento a noticia que juntamente teve de que vossa magestade lhe succedia no throno, e como tal manda agradecer a vossa magestade com o maior encarecimento estes favores que os de Macau e mais portuguezes tem recebido n'este imperio. E eu que, indigno de tão alta commissão, ignoro os termos mais gratos a vossa magestade com que devo exaltal-o, peço a vossa magestade tenha por certo que se houver alguma falta n'esta acção, será nascida da minha ignorancia e pouca pratica do paiz, e não da vontade do meu monarcha, que esta é muito grande de que eu faça a vossa magestade todos os obsequios possiveis, e bem comprehende o grande talento de vossa magestade que nunca os vassallos podem acertar em tudo na execução dos altos desejos de seus soberanos: os de meu amo se manifestam a vossa magestade por esta carta.»

«A tudo isto que o embaixador tinha dado por escripto ao interprete, para o verter e repetir ao im-

perador, respondeu o imperador na maneira que se segue: — Meu pae me ensinou quarenta annos, e depois cheguei a este throno. Minha primeira tenção foi imitar meu pae no seu modo de governo em tudo, e principalmente na affeição que teve aos estrangeiros. — Então disse para o interprete: — Tu bem sabes. De mais sabem todos que eu no bom trato não faço distincção de estrangeiros a domesticos. O rei de Portugal mandou aqui de tão longe. — Disse ao interprete: — Pergunta-lhe se está bom o seu rei? — Respondeu o embaixador que sim; e continuou o imperador, dizendo que elle embaixador tivera muito trabalho em fazer uma tão grande jornada por mar. — Pergunta-lhe, disse ao interprete, se está elle bom? — Aqui bateu o embaixador, e nós com elle, cabeça pela mercê de lhe perguntar pela saude, e lhe respondeu que sim, estava bom. »

« Seguiu-se a isto a ceremonia do chá tartaro que o imperador nos deu e tomámos na fórma seguinte: Postos de joelhos se nos offereceu o chá, e o tomámos com ambas as mãos cada um sua porcelana de prata: logo sustentando em uma mão o chá, e com a outra tocando a terra, batemos uma vez cabeça; depois nos assentámos e bebemos o chá, e depois, postos outra vez de joelhos, restituimos as porcelanas, e batemos segunda vez cabeça, tudo em acção de graças pela mercê que nos fez o imperador. Feito isto nos levantámos e fomos saindo pela mesma porta, concluindo-se o acto com a ceremonia de batermos nove vezes cabeça, mas já em outro pateo mais distante, d'onde se não via o throno... »

Soube depois o embaixador que se tratava de remetter o mimo por intervenção do tribunal dos ritos. Cuidou logo em obviar a esse intento, recorrendo ao imperador, que ordenou que fosse apresentado como o embaixador quizesse.

Propondo o tribunal de mathematica, segundo o costume, ao imperador dois dias convenientes para isso, foi escolhido o 7 de junho, para se conduzir o presente a Yun-ming-yuen, palacio de recreio, a umas tres ou quatro legoas de Pekin. Para alli se encaminhou a embaixada quasi na mesma ordem em que entrára na corte. Em quanto se examinava o mimo, e algumas coisas que em seu nome offereceu o embaixador, ficou este em uma sala, onde lhe mandaram diversas iguarias, e o vieram acompanhar alguns funccionarios.

N'esta occasião foi um mandarim dizer-lhe da parte do imperador que na China não era descortezia acceitar uns objectos e outros não; mas que dissese o que se costumava praticar em Portugal; e respondendo o embaixador que no reino havia o costume contrario, mandou o imperador dizer que acceitava tudo; pelo que todos bateram cabeça tres vezes.

No dia 9 mandou o imperador um conto de réis ao embaixador, que teve licença para ir pessoalmente dar os seus agradecimentos. Apenas o embaixador, o secretario e um gentil-homem entraram no segundo pateo, bateram cabeça nove vezes, começando o embaixador a dizer em alta voz os favores que sua magestade lhe fizera, e a honra com que o tratára. Logo se traduziu isto aos mandarins presentes, e ao imperador, que estava n'outra sala, mas não era visto. Depois de lhes mostrarem os jardins e se despedirem, foram ver o celebre sino que tem 15 palmos de diametro na bocca e vinte e dois de altura; e por dentro e por fóra está cheio de caracteres sinicos levantados, de que se compoz um livro.

O conductor tartaro avisou o embaixador para ir ao palacio no dia 8 de julho receber o presente que vinha para Portugal. Antes de ser admittido á presença do imperador, offereceram-lhe varias iguarias, e durante esse tempo estiveram os eunuchos do palacio representando farças a seu modo.

Dirigiu-se então o embaixador, o secretario e um gentil-homem á sala da audiencia com alguns mandarins, conductores, mestres de ceremonias, os padres Domingos Pereni e André Pereira, e um criado china de Macau, que serviu de interprete.

«Logo que passámos os primeiros dois pateos e entrámos no terceiro, que confina com a sala do throno, nos puzemos em fileira ao lado esquerdo da mesma sala, onde esperámos que o imperador chegasse e subisse ao throno, antes do que se ouviram alguns toques de caixa em signal de que o imperador vinha. Estando este no throno, fomos entrando na sala, onde nos pozemos de joelhos defronte das mesas que nos estavam preparadas, até que o imperador mandou que nos sentassemos, por cuja mercê lhe batemos cabeça. Passado algum tempo, em que tudo esteve em silencio, veiu o chá tartaro para o imperador e juntamente para nós, que o recebemos, e depois de o tomar lhe batemos cabeça.

«A bebida do chá tartaro se seguiu tambem a do vinho, e o imperador apenas recebeu o vaso chamou logo para junto a si o embaixador, a quem deu o mesmo vaso, pedindo-lhe quizesse beber o vinho todo, ou o que podesse. Feito isto, e batendo cabeça, o embaixador se levantou para o logar do seu assento, levando um prato que o imperador repartiu com elle da sua mesa. A este tempo veiu tambem vinho para nós, que bebemos, e démos as graças batendo cabeça antes e depois de o bebermos. Descobriram-se as mesas, tanto a do imperador, como as nossas, e todos com muita pausa principiámos a comer, e juntamente a receber o favor dos pratos que o mesmo imperador tambem repartiu comnosco.

«Então perguntou o imperador ao embaixador, se a nossa terra era tambem quente e fria como a da China? a isto respondeu que quasi era o mesmo, porque estava na mesma altura. Disse mais o imperador — agora que o embaixador volta para seu reino guarde-se do calor, que lhe não faça mal, para que chegue com saude á sua terra. O rei de Portugal, que o cá mandou pela distancia de nove mil e tantas legoas, soube escolher a proposito, e conhecendo o seu talento o enviou com este encargo: o embaixador o tem feito bellamente, e de modo que eu fico satisfeito. Quando chegar a Portugal, pergunte da minha parte pela saude do seu rei. Respondeu o embaixador que os beneficios que tinha recebido depois que entrou no seu imperio eram innumeraveis, e lhe faltavam palavras para os explicar; mas de tudo daria conta a el-rei seu amo, que o estimaria muito; e que a melhor noticia que lhe poderia levar, era a da saude de sua magestade imperial, e a de que tratava os seus europeus do mesmo modo que o imperador defuncto; que egualmente tivera sempre na sua protecção os moradores de Macau, e assim esperava o fizesse sua magestade, despachando ordens para os mandarins de Cantão conducentes a este fim. A isto respondeu o imperador acenando com a cabeça que sim. Seguiu-se pedir-lhe o embaixador a determinação do dia em que sairiamos da corte, e respondeu que elle o determinaria...»

Concluida a audiencia saiu o embaixador dos pateos do palacio, e lhe foram mostrando o presente que havia de trazer, que constava de 33 caixões, além de sete para elle. Foi depois assistir á comedia e banquete, e retirou-se com o mimo, de tarde, debaixo de copiosa chuva.

(Continúa)

A lingua portugueza, onde desfallecer com verbo ou nome que comprehenda em breve alguma coisa, *poderá formar um verbo* aprazivel á orelha, sem fallar por via de rodeios como muitos fazem.

JOÃO DE BARROS.

FAC-SIMILE DE UMA CARTA DEL-REI D. SEBASTIÃO

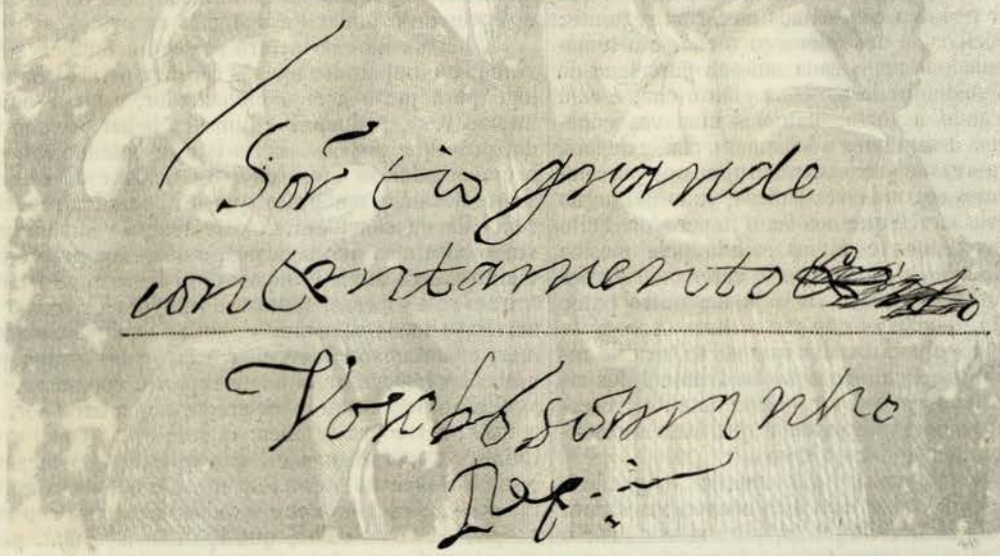
Vamos fazer um grande mimo aos sebastianistas, dando-lhe um *fac-simile* exactissimo da letra do seu *desejado e encoberto* rei.

Pena é, que tendo-lhe seu aio escolhido um mestre de escripta dos melhores d'aquelle tempo, qual foi o classico jesuita Amador Rebello, o augusto discipulo não fizesse grandes progressos em calligraphia.

O laborioso auctor das *Memorias del-rei D. Sebastião* conta-nos por estes termos a pragmatica que se observava nas lições de escripta dadas áquelle infeliz monarcha:

«Contava el-rei seis annos e meio de idade, quando começou a receber as primeiras lições, e para que fosse mais perfeitamente instruido, elegeu o padre Luiz Gonçalves por companheiro ao padre Amador Rebello para ensinar el-rei a ler e formar as letras, em que era insigne este religioso.

Para este fim estava posto sobre uma mesa todo o apparelho necessario para escrever, com relogio de areia, por onde se regulava o tempo da lição. Estava de uma parte a cadeira em que el-rei se sentava, e de outra uma para Luiz Gonçalves. Ao lado del-rei se punha Amador Rebello, que dava o traslado para fazer a materia, e lhe ensinava a pegar na penna e formar os caracteres. Em outra parte d'esta assistia sentado D. Aleixo de Menezes, aio do principe, que examinava com attenção o traslado que se


Sor tio grande
contentamento
Vosso sobrinho
Rey.

Fac-simile de uma carta del-rei D. Sebastião

dava, e quando lhe parecia que não era conveniente para a instrucção do principe, dizia que se désse outro.

Acabada a hora, que se observava pelo relogio, se levantava o mestre, e sem fallar com el-rei outra coisa fóra da lição, se despedia da sua presença, sendo o seu maior cuidado que o traslado por onde el-rei aprendesse constasse de sentenças judiciosas, e heroicos exemplos, para que ao mesmo tempo exercitasse a mão com a escripta, e cultivasse o entendimento com a doutrina.»

Fizemos desenhar sómente a primeira regra da carta, para amostra; e, como se vê, logo n'esta linha repetiu e riscou D. Sebastião as ultimas syllabas da palavra *contentamento*. Tinha melhor mão para a espada que para a penna.

Como documento historico, tambem esta carta inedita possue grande valor. Por ella se conhece que o celebre valido e escrivão da puridade del-rei D. Sebastião, Martim Gonçalves da Camara, ficou por tal modo despeitado pelo rei o não nomear governador do reino, quando partiu a primeira vez para a Africa, que lhe pedia licença para se retirar do reino.

A carta é escripta n'uma folha de papel muito ordinario, de letra graúda e embaraçada.

Eis o conteudo, apenas alterado nas abreviaturas e na orthographia, em que não ha nenhuma letra maiuscula, nem nos nomes proprios das pessoas.

«Senhor tio. Grande contentamento tive e em extremo estimei saber e ver das vossas cartas ficardes com o governo conforme ao que tinha por mui certo; posto que tivesse necessidade de Miguel de Moura por suas partes, vendo o contentamento que mostraes de o mandar ficar, me pareceo mui bem, e a sim lhe escrevo que o faça.

«No que me escreveis do bispo de Miranda, entendendo que não terieis contentamento de ficar no conselho, por não vos dar com elle importunação, e vendo que tinha renunciado o bispado me pareceu bom expediente trazel-o, não cuidando nisto de siso antes de saber o que nisto poderieis querer. Se vos parecer que n'isto tendes obrigação fareis o que vos parecer que será mui bem feito. Martim Gonsalves, com paixão e sem conhecimento do que me deve, dois ou tres dias depois que parti me escreveo que me não podia servir, nem na justiça nem na fazenda, e que lhe désse licença para se poder ir. Pareceu-me um grande desproposito, e não lhe dever dar licença para o fazer; e conforme a isto podereis proceder como vos parecer; e na fazenda, se Martim Gonsalves não servir, mando com esta uma lembrança do modo que me parece, para verdes o que mais convem. No provimento real não me devo alargar, pois nos é tão presente o que convém, e o que espero e tenho por certo que o fareis. De Francisco de Sá que agora chegou, soube ficardes bem, de que tive grande contentamento. E Deos seja louvado me acho muito bem e muito alvoraçado para vos ver na disposição que desejo. Nosso Senhor guarde vossa disposição como desejo. De Ceita sabbado. Vosso bom sobrinho — *Rey*.»